



LEITURA OBRIGATÓRIA ITA 2021

1- Memórias de um sargento de milícias, Manuel Antônio de Almeida;

2-Teoria do medalhão, Machado de Assis;

3-O seminário dos ratos (o **livro** todo), Lygia Fagundes Telles.

Memórias de um Sargento de Milícias

Memórias de um Sargento de Milícias é uma obra do escritor brasileiro Manuel Antônio de Almeida. Dividida em 2 tomos e 48 capítulos titulados, ela foi publicada em 1854 durante o Romantismo no Brasil.

Personagens

Os principais personagens da trama são:

- **Leonardo:** protagonista da obra, filho de Leonardo-Pataca e Maria da Hortaliça.
- **Leonardo-Pataca:** pai de Leonardo e esposo de Maria da Hortaliça.
- **Maria da Hortaliça:** esposa de Leonardo-Pataca e mãe de Leonardo.
- **Barbeiro:** padrinho de Leonardo.
- **Parteira:** madrinha de Leonardo.
- **Chiquinha:** filha da parteira e futura esposa de Leonardo-Pataca.
- **Luizinha:** menina que Leonardo se apaixona e que por fim, torna-se sua esposa.
- **Dona Maria:** avó de Luizinha.
- **José Manuel:** amigo da família de Luizinha, interessado na fortuna deles.
- **Vidinha:** mulata que se envolve com Leonardo.
- **Major Vidigal:** autoridade que prende Leonardo.

Resumo da Obra

O romance gira em torno da vida de Leonardo, um menino travesso e malandro que entre tantas ações se torna um sargento: O Sargento de Milícias. A história tem como espaço a cidade do Rio de Janeiro.

Ainda pequeno, ele foi entregue aos cuidados dos padrinhos, um barbeiro e uma parteira. Isso porque seus pais, Leonardo-Pataca e Maria da Hortaliça, brigaram. Sua mãe foge para Portugal e seu pai, o abandona.

O barbeiro almejava uma boa formação para o menino, portanto, empenhou-se em dar uma educação religiosa para que ele se tornasse padre.

Entretanto, Leonardo era muito travesso e mal sabia ler e escrever, resultado de sua saída da escola. Mais adiante, o menino se apaixona por Luizinha, porém, o envolvimento deles nesse momento dura pouco.

A família de Luizinha era muito abastada. José Manuel, um amigo da família, resolve pedir a mãe dela em casamento com o intuito de ficar com os bens e a fortuna.

Leonardo, sabendo de sua intenção, resolve desabafar com seus padrinhos que logo falam com Dona Maria, avó de Luizinha. Esse fato, fez com que José Manuel fosse expulso da casa e ainda, proibido de casar com Luizinha.

O padrinho de Leonardo fica doente e logo depois vem a falecer. Com isso, ele recebe uma herança. Interessado na herança recebida pelo filho, Leonardo-Pataca entra em cena e o convida para viver com ele.

Nesse momento, Pataca já está casado com a filha da parteira, Chiquinha, e com ela tem uma filha. Leonardo tem várias discussões com seu pai e sua madrasta, o que resulta em sua expulsão da casa. Nesse tempo, ele se envolve com uma mulata chamada Vidinha e se apaixona por ela. Passa a viver com os jovens da Rua Vala.

Cada vez mais envolvido com Vidinha, dois primos dela que lutam pelo seu amor, começam a ficar com ciúmes de Leonardo.

Com isso, eles dizem ao Major Vidigal que Leonardo está vivendo clandestinamente na residência dos jovens. Isso resulta na prisão dele pelo major Vidigal. Além disso, ele se recusa a alistar-se no exército, sendo preso novamente.

Sua madrinha vai até a prisão e pede para o major liberar Leonardo. Por fim, o major lhe oferece o cargo de Sargento de Milícias.

Com a morte do marido de Luizinha que só lhe maltratava, Leonardo casa-se com ela.

Análise da Obra

Inserida no movimento do romantismo, a obra é narrada em terceira pessoa e retrata a vida do Rio de Janeiro no início do século XIX.

Considerado um romance urbano ou de costumes, foi publicada nos folhetins no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro. Ou seja, semanalmente era oferecido um capítulo ao público.

Assim, Manuel Antônio de Almeida prendeu a atenção de seus leitores com capítulos curtos e diretos e ainda, utilizando uma linguagem coloquial.

Foi a primeira vez durante o Romantismo que a figura do “malandro” (pícaro) surge nas ações de Leonardo. Isso explica o estilo inovador do escritor segundo os moldes dos romances na época.

Muitos personagens da obra são movidos por interesses, como José Manuel e Leonardo-Pataca.

Além disso, alguns deles não tem nome, como é o caso do padrinho e da madrinha de Leonardo.

Diante disso, a intenção do escritor era usar alegorias simbólicas com o objetivo de incluir pessoas comuns que viviam naquele período no Brasil.

Ainda que o espaço central fosse a parte urbana do Rio de Janeiro, Manuel também descreve locais mais afastados como um acampamento de ciganos. Nisso, as diferentes classes sociais são abordadas no romance.

Vale notar que essa postura esteve avessa aos modelos do Romantismo, uma vez que os romances criados nessa época focavam somente nos aspectos aristocráticos.

Trechos da Obra

Para compreender melhor a linguagem utilizada pelo escritor, confira abaixo alguns trechos da obra:

Tomo I - Capítulo I: Origem, Nascimento E Batizado

“Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — O canto dos meirinhos —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o processo.

Daí sua influência moral.”

Tomo I - Capítulo XX: O Fogo No Campo

“À hora determinada vieram os dois, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua família, segundo haviam tratado: era pouco depois de ave-maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de famílias, de ranchos de pessoas que se dirigiam uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, também se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda dele; tropeçava e abalroava nos que encontrava; uma idéia única roía-lhe o miolo; se lhe perguntassem que idéia era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegaram enfim mais depressa do que supusera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquela noite ter asas nos pés, tão rapidamente caminhara e obrigara o padrinho a caminhar com ele.”

Tomo II - Capítulo XXV: Conclusão Feliz

“A comadre passou com a viúva e sua tia quase todo o tempo do nojo, e acompanhou-as à missa do sétimo dia. O Leonardo compareceu também nessa ocasião, e levou a família à casa depois de acabado o sacrifício.

Aquele aperto de mão que no dia do enterro de seu marido Luizinha dera ao Leonardo não caíra no chão a D. Maria, assim como também lhe não escaparam muitos outros fatos consecutivos a esse.

O caso é que não lhe parecia extravagante certa idéia que lhe andava na mente.

Muitas vezes, ao cair de ave-maria, quando a boa da velha se sentava a rezar na sua banquinha em um canto da sala, entre um padre-nosso e uma ave-maria do seu bendito rosário, vinha-lhe à idéia casar de novo a fresca viuvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada num mundo em que maridos, como José Manuel, não são difíceis de aparecer, especialmente a uma viuvinha apatacada.”

Questões de Vestibular

1. (FUVEST)

Indique a alternativa que se refere corretamente ao protagonista de Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida:

- a) Nele, como também em personagens menores, há o contínuo e divertido esforço de driblar o acaso das condições adversas e a avidez de gozar os intervalos da boa sorte.
- b) Este herói de folhetim se dá a conhecer sobretudo nos diálogos, nos quais revela ao mesmo tempo a malícia aprendida nas ruas e o idealismo romântico que busca ocultar.
- c) A personalidade assumida de sátiro é a máscara de seu fundo lírico, genuinamente puro, a ilustrar a tese da "bondade natural", adotada pelo autor.
- d) Enquanto cínico, calcula friamente o carreirismo matrimonial; mas o sujeito moral sempre emerge, condenado o próprio cinismo ao inferno da culpa, do remorso e da expiação.
- e) Ele é uma espécie de barro vital, ainda amorfo, a que o prazer e o medo vão mostrando os caminhos a seguir, até sua transformação final em símbolo sublimado.

2. (UFPR/2009)

Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida, tem merecido atenção dos críticos literários há bem mais de um século. Identifique, entre os trechos de críticas literárias a seguir, quais se referem a essa obra.

1. Essa obra é, dos seus primeiros livros, o que mais possui o ar de modernidade a que se referiu Barreto Filho, “deslocando o interesse do acontecimento objetivo para o estudo dos caracteres”, na linha portanto do romance psicológico a que se entregaria definitivamente, rompendo com a tendência ao romanesco tão em voga. (Adaptado de: COUTINHO, Afrânio. Estudo Crítico. p. 26.)
2. Essa obra difere da maioria dos romances românticos, pois apresenta uma série de procedimentos que fogem ao padrão da prosa romântica. O protagonista não é herói nem vilão, mas um malandro simpático que leva uma vida de pessoa comum; não há idealização da mulher, da natureza ou do amor, sendo reais as situações retratadas; a linguagem se aproxima da jornalística, deixando de lado a excessiva metáforização que caracteriza a prosa romântica. (Adaptado de: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens, vol II, p. 182.)
3. [...] o distanciamento cronológico dessa obra é de poucos anos, o que autoriza classificá-la antes de novela de memórias que histórica. Donde o argumento, que o escritor ouviu de um colega do “Correio Mercantil”, de ostentar características de documento de uma fase histórica do Rio de Janeiro, porventura ainda vigente na altura em que a narrativa foi elaborada. Desse teor documental nasce o realismo que perpassa [...] toda a obra: um realismo instintivo, quase de reportagem social, a que faltam apenas arquivísticas científicas para se transformar no Realismo ortodoxo da segunda metade do século XIX. (Adaptado de: MOISÉS, Massaud, A literatura brasileira através dos textos. p. 173.)
4. É supérfluo encarecer o valor documental da obra. A crítica sociológica já o fez com a devida minúcia. Essa obra nos dá, na verdade, um corte sincrônico da vida familiar brasileira nos meios urbanos em uma fase em que já se esboçava uma estrutura não mais puramente colonial, mas ainda longe do quadro industrial-burguês. E, como o autor conviveu de fato com o povo, o espelhamento foi distorcido apenas pelo ângulo da comicidade. Que é, de longa data, o viés pelo qual o artista vê o típico, e sobretudo o típico popular. (Adaptado de: BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. p. 134.)

Referem-se à obra Memórias de um sargento de milícias os trechos:

- a) 1, 2 e 3 apenas
- b) 2 e 4 apenas
- c) 1 e 4 apenas
- d) 2, 3 e 4 apenas
- e) 1, 2, 3 e 4

3. (UFRS/RS)

Leia o texto abaixo, extraído do romance Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida.

“Desta vez porém Luizinha e Leonardo, não é dizer que vieram de braço, como este último tinha querido quando foram para o Campo, foram mais adiante do que isso, vieram de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. E ingenuamente não sabemos se se poderá aplicar com razão ao Leonardo.”

Considere as afirmações abaixo sobre o comentário feito em relação à palavra ingenuamente na última frase do texto:

- I. O narrador aponta para a ingenuidade da personagem frente à vida e às experiências desconhecidas do primeiro amor.
- II. O narrador, por saber quem é Leonardo, põe em dúvida o caráter da personagem e as suas intenções.
- III. O narrador acentua o tom irônico que caracteriza o romance.

Quais estão corretas?

- a) apenas I
- b) apenas II
- c) apenas III
- d) apenas II e III
- e) I, II e III

RESPOSTAS DOS TESTES

1.(FUVEST)

Alternativa a: Nele, como também em personagens menores, há o contínuo e divertido esforço de driblar o acaso das condições adversas e a avidez de gozar os intervalos da boa sorte.

2.(UFPR/2009)

Alternativa d: 2, 3 e 4 apenas

3.(UFRS/RS)

Alternativa b: apenas II

Teoria do Medalhão

Análise do conto de Machado de Assis

– Resumo

Este conto é um diálogo que se dá entre pai e filho, após o jantar comemorativo de 21 anos deste. Estando os dois a sós, o pai aconselha ao filho tornar-se um Medalhão, ou seja, alguém que conseguiu conquistar riqueza e fama. Ele passa, então, a tecer uma teoria de como o filho conseguiria isso, aconselhando-o a mudar seus hábitos e costumes, anulando seus gostos e opiniões pessoais.

O filho deveria sempre se manter neutro perante tudo, possuir um vocabulário limitado e conhecer pouco, e sempre preferir um humor mais simples e direto ao invés da ironia, que requeria certo raciocínio e construção imaginativa. Após muitos outros conselhos, o pai termina a conversa admitindo que suas palavras têm certa semelhança com a obra “O Príncipe”, de Maquiavel, e diz para o filho ir dormir.

Análise:

Este conto trabalha basicamente as mesmas ideias tratadas em “O Espelho”, com a aniquilação do indivíduo em favor de uma imagem e posição social considerada privilegiada. Também encontra paralelo no conto “O segredo do Bonzo”, onde a propaganda pessoal e a aparência valem muito mais do que a essência. Através da fala absolutamente irônica do pai, entrevê-se a dura crítica de Machado de Assis à sociedade brasileira. De um lado, temos um pai que deseja ver seus ideais frustrados realizados pelo filho; e de outro temos o filho que aceita passivamente todas as imposições do pai, pois é o papel social que cabe ao filho.

Fichamento

Parágrafos de 1 a 9:

Um pai começa uma conversa com o filho após o jantar de aniversário deste, que completa 21 anos, falando que na vida uns são conhecidos (e reconhecidos) e outros são anônimos, estes últimos sendo a maioria. E o pai fala que vai ensinar ao filho uma profissão para recompensar o esforço durante a vida, caso as outras profissões falhem.

Parágrafos de 10 a 14:

O pai aconselha ao filho o ofício de medalhão. Fala que o filho é moço, mas que deve moderar os impulsos, para que aos quarenta e cinco anos, a idade que o medalhão se manifesta (alguns com mais e outros com menos), nele se manifeste.

Parágrafos de 15 a 23:

Entrando na carreira de medalhão, deve se abster de ter ideias. Diz o pai a seu filho que ele se enquadra na carreira por não ter muitas ideias próprias. Com a idade pode ser que elas venham, e o modo de preveni-las sendo fazer atividades que não permitem o surgimento de ideias, como jogos de bilhar, ler retóricas, passeio na rua, desde que seja acompanhado para que a solidão não dê margem a ideias. Pode ir também a uma livraria, para contar uma piada, um caso, um assassinato, mas não para outro fim, pois a solidão não convém ao fim do ofício. Com isso, em até dois anos pode se reduzir bastante o intelecto.

Parágrafos de 24 a 28:

Quando o filho reclama que não se pode enfeitar muito o que fala ou escreve, o pai diz que pode empregar figuras, sempre carregar citações, máximas, discursos prontos, frases feitas. Se for feita uma lei por exemplo e esta não der certo, apenas dirá: “Antes das leis, reformemos os costumes”. Isso poupará problemas e futuras discussões. O filho diz que o pai não gosta da aplicação de processos modernos, mas este responde que condena a aplicação mas louva que se fale sobre a modernidade. Também convém saber das descobertas e interesses das ciências do momento, com o tempo seus significados e terminologia sendo aprendidos, sem ter que aprender com os professores e mestres da ciência, pois com eles é perigoso formular ideias.

Parágrafos de 29 a 36

Agora o pai fala dos benefícios da publicidade. Primeiramente, em vez de escrever um “tratado científico sobre carneiros”, deve dá-lo em forma de um jantar aos amigos e fazer com que a notícia se espalhe. Em seguida, deve fazer festas, ter figuras da imprensa nelas para que torne-se pública seu acontecimento. Acaso a imprensa não possa deve ele mesmo redijir uma matéria para ser divulgada. A consequência disso é que com o tempo tornar-se conhecido e passar ele então a ser chamado para festas e vir a ser uma figura indispensável nelas.

Parágrafos de 37 a 41:

Pode-se, então, entrar na política, ficar ligado a algum partido, contato que não adote a ideia de nenhum. Se entrar nela, é bom usar a tribuna para chamar a atenção pública. É melhor que sejam discursos sobre algum assunto que incite debates ou discussões, mas sem que surjam novas ideias, como, por exemplo, falar de assuntos ligados à metafísica política, pois neste ramo tudo já está pensado, devendo a pessoa só recorrer à memória para eventuais comentários.

Parágrafos de 42 a 53:

O filho indaga se não deve ter nenhuma imaginação ou filosofia. O pai responde que não, mas que deve se saber falar sobre “filosofia da história”, mas não sabê-la, devendo-se fugir a tudo que leve à reflexão. Quanto ao humor, ser medalhão não é sinônimo de ser sério, podendo-se brincar, mas sem usar de ironia, mas usar da chalaça.

Vendo que já é meia noite, o pai pede ao filho para que vá dormir e pense bem no que foi conversado, pois, guardadas as proporções, a noite valeu pelo “Príncipe” de Maquiavel.

Resumo:

ASSIS, Machado. Teoria do Medalhão.

É a história de um pai que após um jantar de aniversário de seu filho o chama para conversar. Tratam sobre o futuro do filho e o pai começa a aconselhá-lo que para garantir que o esforço dele durante toda a vida seja recompensado, ele deve além de sua profissão cultivar o “ofício” de medalhão.

O ofício requer uma pessoa que não pense muito, não tenha ideias próprias, que viva para ser popular e chamar a atenção. Esse ofício requer uma pessoa que quer ter o nome lembrado, mas sem muitos esforços, parecendo ser culto, sábio, que agrada a todos, simpático, quando na verdade não é. Para isso não se deve ter ideias que divirjam das demais, ser conivente com a maioria das pessoas, ser tido como necessário em todos lugares, eventos sociais e festas.

O pai aconselha-o de diversas formas sobre como não ter ideias próprias, como passear sempre acompanhado, ir em livrarias apenas para contar piadas ou acontecimentos do dia, saber das ideias já pensadas na filosofia e sobre as ciências, mas impedir que algumas dessas ideias influenciem para reflexões ou mudar seu pensamento. É importante apenas ter fama de ser sábio, sem necessariamente o ser.

Enfim, ser um “medalhão” é ser uma figura considerada na cidade, respeitada, querida pela maioria das pessoas. Isto para ser lembrando durante a vida e depois da morte também.

Resenha

No conto, “Teoria do Medalhão”, Machado de Assis faz uma análise do comportamento de alguns membros da sociedade. Descreve-os de maneira extremamente clara, precisa, com um humor recatado, ironizando-os usando como pano de fundo uma conversa “inocente” como a de um pai com um filho.

O conteúdo da conversa é sobre o futuro do filho. O pai aconselha-o a “profissão” de medalhão, para assegurar que seu esforço durante a vida será recompensado de alguma forma. “Profissão” porque não é um ofício real, braçal ou intelectual, mas um ofício social, cujo pagamento é ser reconhecido pela sociedade. Para exercer este ofício deve-se estar sempre bem informado, parecer ser culto e frequentar festas e lugares onde ficará exposto ao público. Todo conhecimento que tiver ou adquirir, não deve ter aplicação prática. Mas, principalmente um medalhão não deve formular nenhuma ideia nova, pois assim existe o risco de discordar de alguém, o que é contra os princípios do ofício em questão. Sendo assim, então, uma pessoa que se destaca por certas qualidades que dá a entender que tem mas, na verdade não as tem. O autor enfatiza que os medalhões estão na política mas também hoje encontram-se na mídia os que posso chamar de “marketeiros”, pessoas que tem uma imagem exclusivamente fruto do marketing que fazem sobre si mesma, e assim enraízam nas mentalidades de outrem o que desejam que as outras pessoas pensem delas, como modelos, pessoas que posam nuas em revistas, participantes de reality shows e até mesmo apresentadores de televisão; Estam em toda parte, podem ser os medalhões da época do conto ou então como diria Lima Barreto, “os que falam javanês” hoje.

É claro que uma pessoa não pode viver somente deste “ofício”, não pode viver de fama (bem, seria uma questão a ser pensada, talvez possa se viver de fama, mas não é disso que se trata o texto), essa seria uma profissão paralela, somente para ser uma pessoa cotada e benquista na sociedade, esta teria o seu sustento com uma profissão como qualquer um que ainda está na luta.

Diante de tudo isso, pode se ver o texto como um tipo de “parábola” em que o autor dá a “receita” mostrando o que não deve ser feito, se quisermos construir uma sociedade em que possamos mudá-la, questioná-la, avançar (intelectualmente), e também sabermos identificar os medalhões para que não possam nos manipular.

O seminário dos ratos (o livro todo)

RESUMO

“Resistir é opor a própria força à força alheia”, afirma Alfredo Bosi. Segundo ele resistência é um conceito primordialmente ético, mas é possível transpô-lo para o meio estético, especialmente, por meio da figura do narrador. Utilizando elementos insólitos, o conto “Seminário dos ratos”, de Lygia Fagundes Telles, critica o momento histórico de repressão política do país. Ao longo da narrativa os ratos invadem e devastam a casa onde acontece o VII Seminário dos Roedores. Nota-se, presente na obra em questão, a ironia na voz do narrador para se referir às instituições, aos chefes de estados, ao medo sentido por estes após a invasão e às medidas tomadas para resolver o problema. Segundo a própria escritora, a frase do conto “A situação está sob controle” é a metáfora perfeita para representar o método do governo militar para sanar as manifestações, por meio da censura, do sigilo administrativo, do privilégio de alguns e da morte de tantos outros. Desse modo, o intuito do presente trabalho é verificar como a utilização do insólito e da ironia refletem e acentuam a condição sociopolítica do Brasil.

Seminário dos ratos, é um conto de Lygia Fagundes Telles, e está também presente no livro de mesmo nome. Neste conto a autora também rompe com a realidade e com a lógica racional.

Enredo

Conto em terceira pessoa que apresenta uma alegoria de nossas estruturas político-burocráticas. Trata-se de ratos, pequenos e temerosos roedores, numa treva dura de músculos, guinchos e centenas de olhos luzindo negríssimos, que invadem e destróem uma casa recém restaurada localizada longe da cidade. Ali aconteceria um evento denominado VII Seminário dos Roedores, uma reunião de burocratas, sob a coordenação do Secretário do Bem-Estar Público e Privado, tendo como assessor o Chefe de Relações Públicas. O país fictício encontra-se atravancado pela burocracia, invertendo-se a proporção dos roedores em relação ao número de homens: cem por um.

O conto aparece em livro homônimo, no ano de 1977, época em que o Brasil se encontrava em um momento histórico de repressão política. No trabalho gráfico da capa da primeira edição do livro Seminário dos ratos, aparecem dois ratos empunhando estandartes com bandeiras à frente de uma figura estilizada – uma espécie de monstro com coroa, um rei no trono, a ser destronado pelos animais?

O próprio nome do conto “Seminário dos ratos” já causa uma inquietação. Um seminário evoca atividade intelectual, local de encontro de estudos, possuindo etimologicamente mesma raiz de semente/semteira – local para germinar novas idéias. Também traz uma ambigüidade: seminário no qual se discutirá a problemática dos ratos, ou seminário no qual os ratos serão participantes? Essa questão ficará em aberto ao final do conto. A narrativa é introduzida através de uma epígrafe – versos finais do poema “Edifício Esplendor” de Carlos Drummond de Andrade (1955) – da qual já emana um clima de terror, em que os ratos falam, humanizados pelo poeta: Que século, meu Deus! – exclamaram os ratos e começaram a roer o edifício. A imagem evocada por este verso já traz um efeito em si, remetendo à história de homens sem alma e a construções sem sentido, que não vale a pena conservar, condensando uma perplexidade frente a situações paradoxais daquele século surpreendente. O nome “esplendor” no título do poema é uma ironia, visto que o edifício descrito pelo poeta é pura decadência.

O espaço privilegiado no relato é um casarão do governo, espécie de casa de campo afastada da cidade, recém-reconstruída especialmente para a realização do evento. Portanto, o seminário aconteceria em uma casa de ambiente acolhedor, longe de temidos inimigos como insetos ou pequenos roedores, equipada com todo o conforto moderno: piscina de água quente, aeroporto para jatinhos, aparelhos eletrônicos de comunicação, além de outras comodidades e luxos. A narrativa fantástica transcorre neste cenário insólito com protagonistas ambivalentes que carecem de nomes próprios.

Até mesmo os acontecimentos e seus indícios nesta representação espacial transmitem uma sensação ameaçadora ao leitor. A intenção política fica atestada nesta escolha da mansão restaurada no campo, evidenciando um plano físico/espacial expandido ao psicológico: distante, porém íntimo para quem lá está. Embora o processo psicologizante seja lento, a total e inevitável destruição ao final é completamente bem-sucedida.

A primeira personagem apresentada no conto é o Chefe das Relações Públicas, um jovem de baixa estatura, atarracado, sorriso e olhos extremamente brilhantes, que se ruboriza facilmente e possui má audição. Ele pede permissão, através de batidas leves na porta para entrar na sala do Secretário do Bem Estar Público e Privado, a quem chama de Excelência – homem descorado e flácido, de calva úmida e mãos acetinadas [...] voz branda, com um leve acento lamurioso. O jovem chefe encontra o secretário com o pé direito calçado, e o outro em chinelo de lã, apoiado em uma almofada, e bebendo um copo de leite. Curiosamente, a personagem do jovem chefe é a única que sobreviverá ao ataque dos ratos, restando ao final da história para contá-la.

As personagens desse conto são nomeadas através de suas ocupações profissionais e cargos hierárquicos, havendo portanto uma focalização proposital nos papéis sociais. Também nesse primeiro momento, há descrição pormenorizada do físico das personagens já apresentadas, que levam a inferências sobre aspectos psicológicos, que permitem conhecer a interioridade.

No caso destas duas personagens, parece que ambos não têm contato com seus selves, nem com o inconsciente. Elas não se apoderam de si mesmas: não está em contato consigo mesma, mas com sua imagem refletida. As individualidades do chefe e do secretário encontram-se completamente confundidas com o cargo ocupado, resultando num estado de inflação, num papel social representado, longe da essência de seus núcleos humanos e de suas sensibilidades. A ênfase dada à ocupação e ao cargo da primeira personagem mostra que se trata do responsável pela coordenação dos assuntos que dizem respeito ao relacionamento com o público em geral. Em outras palavras, sua função está ligada aos tópicos referentes à mídia, à comunicação com o coletivo.

Esta primeira cena do conto já remete a uma dualidade que acentua oposições: embora seja o responsável pelo bem-estar coletivo, o secretário sofre de um mal-estar individual, pois tem uma enfermidade que ataca seu pé – a gota – em cujas crises seu sentido da audição também se aguça. Cria-se uma figura contraditória: um secretário do bem-estar que se encontra mal.

A narrativa apresenta a divisão da unicidade física e psíquica desta personagem, que já vem nomeada com esta cisão de forças antagônicas: o público e o privado. Este índice já pertence ao duplo – um pé esquerdo doente – que desvela a cisão em que se encontra o secretário. Embora aparentemente restrita ao nível físico, há uma divisão da unidade psíquica também. No outro dia ele calçará os sapatos, para aparecer “uno” diante do mundo externo. Através do discurso, revela-se uma bivocalização, uma relação de alteridade, uma interação da voz de um eu com a voz de um outro. Este diálogo que se estabelece entre os dois acontece com um pano de fundo: a crise de artrite que acomete o secretário. A partir deste momento, estabelece-se uma ênfase acentuada nesta parte-sustentáculo do corpo humano, enfermo na personagem. Ao receber em chinelos seu subordinado – que, também detém um cargo de chefia – ele revela sua intimidade, denunciando sua deficiência física e tornando-se vulnerável. Confessa que fará o sacrifício de calçar sapatos, porque não deseja apresentar-se assim aos demais convidados. Dessa forma, o secretário encontra-se destituído de um dos símbolos de sua autoridade: os sapatos.

No conto, o fato de o secretário estar com a saúde do pé abalada, e não poder se locomover (a não ser de chinelos) nem calçar sapatos, parece significar justamente não poder gozar de sua plena autoridade. É uma pessoa fragilizada, com limitações expostas, cuja “persona” não está sintonizada com o exigido, além de beber leite, alimento relacionado com a infância.

Na continuação da conversa, o secretário solicita notícias sobre o coquetel que ocorrera à tarde, ao que o Chefe das Relações Públicas responde ter sido bem-sucedido, pois havia poucas pessoas, só a cúpula, ficou uma reunião assim aconchegante, íntima, mas muito agradável. Continua informando em que alas e suítes estão instalados os convidados: o Assessor da Presidência da RATESP na ala norte, o Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas na suíte cinzenta, a Delegação Americana na ala azul. Complementa dizendo que o crepúsculo está deslumbrante, dando indícios do tempo cronológico do conto, que transcorre entre um entardecer e um alvorecer: o ciclo de uma noite completa. A conversa inicia quase às seis horas, indicando um momento de passagem, de transição entre a luz/claridade e a noite, quando a consciência vai pouco a pouco dando lugar ao mundo da escuridão, do inconsciente. Como bem assinala Franz: ...a hora do poente pode ser interpretada como dormir, o apagar-se da consciência.

O secretário solicita explicações sobre a cor cinzenta escolhida na suíte do diretor das classes, por sua vez representando também uma síntese de contrários, e o jovem Relações Públicas explica os motivos de suas escolhas para distribuir os participantes. Depois indaga se o secretário por acaso não gosta da cor cinza, ao que ele responde com uma associação, lembrando tratar-se da cor deles. *Rattus alexandrius*.

O secretário os chama pelo nome latino, o que sugere um artifício para minimizar a gravidade da situação. Aqui é trazida uma perspectiva polarizada: norte-sul. Entre as duas, uma zona cinzenta. É interessante perceber que o ocupante desta área tem uma responsabilidade contraditória de defender as classes conservadoras com as forças armadas e com as forças desarmadas. No conto, a cor da suíte que lhe é destinada – cinzenta – remete a algo que não é preto nem branco, mas à mescla destas duas cores, como se faltasse uma definição na cor e nas forças que utiliza.

No prosseguimento da conversa entre ambos, o secretário confessa ter sido contrário à indicação do americano, argumentando que, se os ratos são pertencentes ao país, as soluções devem ser caseiras, ao que o chefe objeta ser o delegado um técnico em ratos. Fica evidente a posição política contrária à intervenção americana no país, principalmente porque na época havia suspeitas de que agentes americanos especializados em repressão política vinham ao Brasil treinar torturadores. O secretário aproveita para indicar ao jovem chefe (que está sendo orientado, pois é um candidato em potencial) uma postura de positividade diante dos estrangeiros, devendo esconder o lado negativo dos fatos: mostrar só o lado positivo, só o que pode nos enaltecer. Esconder nossos chinelos. Aqui a personagem expõe sua visão de mundo, suas relações consigo mesmo e com o mundo externo – aspectos que são motivo de orgulho e envaidecimento devem ser mostrados, porém aspectos da psique individual e coletiva que envergonhem e representam dificuldades não. Em outras palavras: o mundo da sombra deve ser escondido.

No discurso sobre as aparências, a personagem relaciona os ratos com os pés inchados e com os chinelos. O aspecto que estes três elementos têm em comum é que são todos indesejáveis para a personagem: o rato, pela ameaça da invasão, epidemia e destruição (além de prejudicarem sua gestão e pôr em dúvida sua competência de zelar pelo bem-estar coletivo), o pé enfermo por denunciar sua deficiência física, e os chinelos, finalmente, por revelarem um status inferior, uma espécie de destituição de seu poder. Também não agrada ao secretário saber que o americano é um especialista em jornalismo eletrônico, solicitando ser informado sobre todas as notícias veiculadas a esse respeito na imprensa a partir dali. Já se encontram no sétimo seminário e ainda não solucionaram o problema dos roedores, porém não desejam ajuda estrangeira. O jovem Relações Públicas conta que a primeira crítica levantada fora a própria escolha do local para o seminário – uma casa de campo isolada -, e a segunda questão se referia aos gastos demasiados para torná-la habitável: tem tanto edifício em disponibilidade, que as implosões até já se multiplicam para corrigir o excesso. E nós gastando milhões para restaurar esta ruína....

O chefe continua relatando sobre um repórter que criticou a medida do governo e este torna-se alvo do ataque dos dois homens: estou apostando como é da esquerda, estou apostando. Ou, então, amigo dos ratos, diz o secretário. Franz sublinha que a sombra, o que é inaceitável para a consciência, é projetada num oponente, enquanto a pessoa se identifica com uma auto-imagem fictícia e com o quadro abstrato do mundo oferecido pelo racionalismo científico, algo que provoca uma perda constantemente maior do instinto e, em especial, uma perda do amor ao próximo, tão necessário ao mundo contemporâneo.

Entretanto, o jovem chefe salienta a cobrança de resultados por parte da mídia. Acentua que, na favela, as ratazanas é que andam de lata d'água na cabeça e reafirma ser uma boa idéia a reunião se realizar na solidão e ar puro da natureza no campo. Nesta primeira afirmação, percebe-se uma total falta de sensibilidade, empatia, solidariedade e humanidade para com os favelados: tanto faz que sejam as Marias ou as ratazanas que precisem carregar latas d'água na cabeça. Esta parte do conto é reforçada pela citação supracitada. Neste momento, o secretário ouve um barulho tão esquisito, como se viesse do fundo da terra, subiu depois para o teto... Não ouviu mesmo?, porém o jovem relações públicas nada ouve. O secretário encontra-se tão paranóico com a questão dos ratos e do seminário, que desconfia da possibilidade de um gravador estar instalado veladamente, talvez da parte do delegado americano. O relações públicas conta ainda que o assessor de imprensa sofrera um pequeno acidente de trânsito, estando com o braço engessado.

No prosseguimento da conversa, um ato falho do secretário faz confundir braço com perna quebrada. Franz faz ver que os braços são em geral os órgãos de ação e as pernas nossa postura na realidade. O jovem chefe diz que o assessor de imprensa dará as informações pouco a pouco por telefone, mas que virão todos ao final, para o que ele denomina “uma apoteose”. A tradução do texto latino *Finis coronat opus*, ou seja, “o fim coroa a obra”, evidencia que para ele não importam os meios.

Denuncia-se desse modo a falta de princípios éticos das personagens. O secretário confessa se preocupar com a incomunicabilidade, preferindo que os jornalistas ficassem mais perto, ao que o jovem assessor contra-argumenta que a distância e o mistério valorizam mais a situação. A preocupação da personagem é com o mundo externo, com os meios de comunicação, com as boas notícias, mesmo que inverídicas. Entretanto, permanece incomunicável com seu mundo interno, não lhe dando atenção.

O secretário pede inclusive para seu assessor inventar que os ratos já estão estrategicamente controlados. Fica evidenciada no diálogo a manipulação da informação, principalmente na vocalização do chefe: [...] os ratos já se encontram sob controle. Sem detalhes, enfatize apenas isto, que os ratos já estão sob inteiro controle. Além disso, aqui são visíveis os mecanismos da luta pelo poder: o binômio mandante/poder – executor/submissão representa parte de um sistema sócio-político explorador e falso, prevalecendo a atitude de ludibriar.

Novamente, o secretário chama a atenção para o barulho que aumenta e diminui. Olha aí, em ondas, como um mar... Agora parece um vulcão respirando, aqui perto e ao mesmo tempo tão longe! Está fugindo, olha aí..., mas o chefe das relações públicas continua a não escutar. A comparação com forças poderosas e potencialmente destrutivas da natureza mostram o quanto ele estava apreensivo. O barulho desconhecido e esquisito que persegue o secretário aparece como uma ameaça severa, como se algo já existente em potencial estivesse por acontecer.

O secretário afirma que escuta demais, devo ter um ouvido suplementar. Tão fino. e que é o primeiro a ter premonições quando coisas anormais acontecem, evocando sua experiência na revolução de 32 e no golpe de 64. Esta verbalização aponta indícios de que a sede do sétimo seminário é o Brasil, ao menos como inspirador do país ficcional do texto. No entanto, o cenário é ampliado para a América do Sul, com o uso repetido do termo “bueno” pelo jovem assessor, em várias de suas vocalizações, e o nome da safra do vinho, mais adiante analisado. Respira-se uma atmosfera latina em função disto. Em geral há um tom de tragédia, típico da simbologia isomorfa das trevas.

O jovem assessor lança um olhar suspeito sobre uma imagem de bronze: aqui aparece, sob a forma de uma estatueta – da justiça – uma figura feminina no conto: tem os olhos vendados, empunha a espada e a balança. Desta, um dos pratos está empoeirado, novamente numa alusão à situação de injustiças em que vive o país. A balança é o elemento mais evidenciado da imagem, como se estivesse em primeiro plano. Através dessa alegoria, há como um convite para refletir sobre as diferentes polaridades que se evidenciam, já que se trata de um instrumento que serve para medir e pesar o equilíbrio de duas forças que se colocam em pratos opostos: bem estar x mal estar, pé sadio x doente, ratos x governo, mansão x ruína.

Os dualismos apontados acabam por sintetizar uma confrontação simbólica entre homens e animais, entre racionalidade e irracionalidade. A espada é o símbolo por excelência do regime diurno e das estruturas esquizomorfas. A arma pode representar a reparação e o equilíbrio entre o bem e o mal. No tecido do conto, a imagem da espada nas mãos da justiça adquire sentido de separação do mal. Neste conto, a correspondência das situações e personagens apresentadas corrobora uma significação dualista, através do uso de antíteses pela escritora.

Somente então o secretário faz menção ao pé enfermo, usando o termo “gota” pela primeira vez na narrativa.

E o jovem assessor de imediato canta *Pode ser a gota d’água! Pode ser a gota d’água!*, estribilho da canção popular do compositor Chico Buarque de Holanda, na época um crítico dos fatos políticos do país. A associação musical do chefe parece não agradar ao secretário. O jovem chefe defende-se, dizendo ser uma música cantada pelo povo, ao que o secretário aproveita a deixa para declarar que só se fala em povo e no entanto o povo não passa de uma abstração [...] que se transforma em realidade quando os ratos começam a expulsar os favelados de suas casas. Ou roer os pés das crianças da periferia. O secretário complementa que quando a “imprensa marrom” começa a explorar o fato, aí “o povo passa a existir”.

Na afirmação de que o povo não existe enquanto realidade, o secretário parece ser um secretário mais para privado do que para público, porém é forçado a reconhecer o povo quando suas mazelas e infortúnios aparecem nos jornais, expostos em manchetes, o que muito abomina.

Na rede de intertextualidade do Seminário dos ratos, a alusão à canção “*Gota d’água*” completa uma série de referências presentes no conto a poetas brasileiros: Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque de Holanda, Vinícius de Moraes, presentes no texto. Poderíamos contar ainda com a presença da letra de “*Lata d’água*”, música de carnaval tipicamente brasileira. É como se a narrativa quisesse enfatizar as coisas boas do país, em contraponto com a situação política vigente.

Outra teia intertextual possível é o conto de fadas *O flautista de Hamelin*: a personagem-título livra a população da peste dos ratos apenas com sua música. A condução/expulsão dos ratos para longe é um contraponto ao texto de Lygia, que, por sua vez, trata da chegada de ratos.

Órgãos públicos como RATESP – numa clara referência aos ratos e à cidade de São Paulo – parecem não alcançar nenhum resultado contra os ratos que se multiplicam em uma cidade sem gatos exterminadores. O secretário lembra também que no Egito Antigo, resolveram esse problema aumentando o número de gatos, ao que o assessor responde que aqui o povo já comera todos os gatos, ouvi dizer que dava um ótimo cozido!, em uma resposta claramente irônica, aludindo ao fato de que o povo estaria esfaimado a ponto de comer carne de gato.

Com o escurecer, o jovem relações públicas recorda que o jantar será às oito horas, e a mesa estará decorada com a cor local: orquídeas, frutas, abacaxi, lagostas, vinho chileno. O preparo cuidadoso e aparência requintada do alimento não o afastará de ao final tornar-se comida dos animais. Aqui aparece outro fio intertextual – com a política de outro país da América do Sul, o Chile – pois na narração o nome da safra do vinho é Pinochet, referência explícita ao ditador na época da publicação do conto, recentemente julgado por seus atos.

O ruído retorna de forma bem mais forte: agora o relações públicas identifica-o, levantando-se de um salto. Aparece a satisfação do secretário ao ver confirmadas suas intuições, porém ele mal imagina que esta satisfação logo irá também por sua vez inverter-se, pois é a confirmação de um barulho prenunciador da catástrofe que logo a seguir se abaterá sobre o casarão, o ruído surdo da invasão dos ratos que se articula. Novamente compara com vulcão ou bomba, e o jovem assessor sai apavorado murmurando: Não se preocupe, não há de ser nada, com licença, volto logo. Meu Deus, zona vulcânica?!....

No corredor, ele encontra-se com Miss Glória, secretária da delegação americana, a única personagem feminina do conto, com quem conversa rapidamente em inglês, praticando seu aprendizado de idiomas. Parece haver uma ironia também no nome, pois contrariamente à glória esperada, o seminário parece fadado ao fracasso. Ela tem um papel secundário no seminário, que aparece como um evento de poder eminentemente masculino. O chefe encontra-se em seguida com o diretor das classes conservadoras armadas e desarmadas, vestido com um roupão de veludo verde e encolheu-se para lhe dar passagem, fez uma mesura, ‘Excelência’ e quis prosseguir mas teve a passagem barrada pela montanha veludosa, e ainda lhe admoesta sobre o ruído e o cheiro. Informa-lhe que os telefones estão mudos (no país os meios de comunicação estavam sob censura), o que o surpreende. A comparação que a escritora faz com uma montanha veludosa, em correspondência ao chambre de veludo verde, neste contexto, alude à cor do conservadorismo e do poder. Trata-se de cor muito utilizada pela escritora, já referido em outros contos. O uso desta cor na obra da escritora é tão notável, que mereceu análise de Fábio Lucas no ensaio Mistério e magia: contos de Lygia Fagundes Telles.

Neste momento surge a personagem do cozinheiro-chefe, que anuncia a rebelião dos animais, aparece correndo pelo saguão – sem gorro e de avental rasgado – com mãos sujas de suco de tomate que limpa no peito, a cor vermelha em clara alusão a sangue, revolução, esquerda – dizendo aos gritos que acontecera algo horrível: Pela alma de minha mãe, quase morri de susto quando entrou aquela nuvem pela porta, pela janela, pelo teto, só faltou me levar e mais a Euclides! – os ratos haviam comido tudo, só se salvara a geladeira. Relata, como o secretário, que o barulho fora percebido antes, feito um veio d’água subterrâneo. Depois havia sido um apavoramento, um espanto com aquela invasão desproposital e aterrorizante em meio aos preparativos para o seminário. O estranhamento que causa a invasão dos ratos dentro desta atmosfera é abrupta, apesar dos indícios, pois não existe uma explicação lógica da desmesura dos ataques. A violência do ocorrido, de uma certa forma, reflete aspectos “monstruosos” dentro do homem, e que também dá a medida de como a sociedade se constitui. Aqui, o fato fantástico instala-se no âmago do real, confundindo os parâmetros racionais e provocando uma ruptura da ordem do cotidiano. A não resolução da narrativa e o sistema metafórico fazem da narração, um drama e da leitura, um exercício conflitual.

No conto, a comparação com nuvem traz uma alusão ao coletivo de gafanhotos, pois os ratos do conto agiram feito uma nuvem destes insetos, praga que tudo destrói. O cozinheiro-chefe conta que ao tentar defender a comida um rato ficou de pé na pata traseira e me enfrentou feito um homem. Pela alma de minha mãe, doutor, me representou um homem vestido de rato!. O vínculo entre o terror e o duplo aparece de modo exemplar aqui, pois há convergência de ambos na figura do animal. A narração promove inversões características de narrativas fantásticas, no sentido de humanizar os ratos. Trata-se do relato de um atributo humano de intimidação, ameaça, arrogância e enfrentamento. E também busca animalizar as personagens, através do uso expressivo de verbos, como farejar e rosnar, para assim conferir atributos animais, relacionados com a postura de pessoas.

Homens com atitudes de ratos e ratos com posturas de homens: a animalidade associada à irracionalidade humana. Às vezes o duplo vinga-se ele próprio. Considera-se essa idéia aplicável a esse duplo corporificado pelos animais (sobrenatural, espectral) que se vinga dos homens destruindo o próprio seminário. Nesse caso do conto, os “outros” eram os ratos, incluindo o fato de que davam uma impressão de humanizados. A trama do conto é bastante óbvia, por suas implicações sócio-políticas, mas nem por isto perde o caráter sobrenatural. Não há dúvidas sobre a existência e o caráter antropomórfico dos ratos, também considerando o alegorismo desse conto. A presença da alegoria, por considerar significados externos ao texto, impediria a reação de hesitação do leitor, que para ele é a característica principal do texto fantástico. Acredita-se que a alegoria de cunho político não prejudica nem descaracteriza o sobrenatural nesse conto.

O jovem assessor preocupa-se com as aparências, pedindo que o cozinheiro-chefe fale baixo, não faça alarde sobre os acontecimentos. A cozinha é, no conto, o local por onde inicia a invasão dos roedores.

Como é sugerido desde o título do conto, os agentes instauradores da estranheza são os ratos, símbolos teriomorfos, uma vez que se constituem responsáveis pela invasão, tomando conta do espaço físico conhecido, e pela destruição do local. Convertem-se no centro das preocupações das personagens e, depois, no ponto deflagrador do pânico. Os atributos desses animais significam o poder destruidor do tempo, possuindo uma grande resistência ao extermínio. Ratos são considerados animais esfomeados, prolíficos e noturnos, aparecendo como criaturas temíveis, até infernal. No conto, os ratos são totalmente subversivos, no sentido de corroerem a ordem e estabelecerem o caos e o terror.

Na seqüência do conto, o jovem chefe tenta que o cozinheiro volte à cozinha, porém este mostra que a gravidade da situação não está sendo compreendida pelo jovem: nenhum carro está funcionando [...] Os fios foram comidos, comeram também os fios, ir embora só se for a pé, doutor. Foram retirados todos os símbolos que remetem à acessibilidade e à comunicação com o mundo exterior, e agora, sem subterfúgios externos para se salvarem, somente restam suas próprias forças e recursos. Os ratos devastaram toda a infra-estrutura do VII Seminário de Roedores. O relações públicas com olhar silencioso foi acompanhando um chinelo de debrum de pelúcia que passou a alguns passos do avental embolado no tapete: o chinelo deslizava, a sola voltada para cima, rápido como se tivesse rodinhas ou fosse puxado por algum fio invisível.

Esta imagem é dúbia, não se sabe se o secretário está sendo arrastado junto com o chinelo ou se o chinelo é o que resta do corpo devorado; voltemos à sua premonição: o pé fora roído por ratos como o das crianças pobres? De qualquer forma, o destaque é dado para o chinelo, justamente aquilo que fora desprezado pela personagem: era tudo o que restara de si.

Nesse momento a casa é sacudida em seus alicerces por algo que parece uma avalanche e as luzes se apagam. Invasão total. O texto compara a irrupção dos animais aos milhares, brotando do nada e de todos os lugares, a uma erupção vulcânica, incontrolável. A própria narrativa vai avisando que foi a última coisa que viu, porque nesse instante a casa foi sacudida nos seus alicerces. As luzes se apagaram. Então deu-se a invasão, espessa como se um saco de pedras borrachosas tivesse sido despejado em cima do telhado e agora saltasse por todos os lados numa treva dura de músculos, guinchos e centenas de olhos luzindo negríssimos.

Do ataque rapidíssimo dos roedores, salva-se somente o chefe das relações públicas, que se refugia entrincheirando-se na geladeira: arrancou as prateleiras que foi encontrando na escuridão, jogou a lataria para o ar, esgrimou com uma garrafa contra dois olhinhos que já corriam no vasilhame de verduras, expulsou-os e, num salto, pulou lá dentro, mantendo-a aberta com um dedo na porta para respirar, logo em seguida substituindo-o pela ponta da gravata. No início do conto, a gravata representa o status, o prestígio, o mundo das aparências. Já no final, aparece como símbolo de sobrevivência. Há aqui, portanto, uma transformação de um símbolo em função das ameaças e do perigo que se apresentaram à personagem, modificando o contexto. E ainda pode-se apontar mais uma inversão: as pessoas fogem espavoridas enquanto os ratos se instalam, e o chefe das relações públicas esconde-se na cozinha (depósito de mantimentos) como se fosse um rato.

Aqui tem-se o início do segundo bloco. Em flashback, avisa-se ao leitor que, após os acontecimentos daquele dia, houve um inquérito – medida obscura que ocorria no panorama do país naquela época. É a única coisa que o narrador conta de concreto após os fatos. O elemento invasor, portanto, conseguiu exterminar o seminário.

A estada do jovem chefe no interior da geladeira parece ter se constituído em um ritual de passagem, até mesmo um cerimonial, pois de um certo modo ele não renasceu? Afinal, somente ele sobreviveu e regressou ao social para relatar, tendo ficado privado de seus sentidos, que ficaram enregelados durante um tempo. A personagem, buscando refúgio na geladeira, tenta sobreviver e se salvar.

Aqui o narrador suspende a história. Este final é ambíguo, talvez em uma alusão aos ratos se reunindo para realizar o VII Seminário dos Roedores, deliberando e decidindo o destino do país em lugar dos homens dizimados... Após a iluminação do casarão, inicia-se uma nova era, governada pelo mundo das sombras, com os ratos assumindo o poder.

Todo o conto é filtrado por indicativos do fantástico, tendo seus limites no alegórico. Predomina a inversão e os animais corporificam o duplo. O clima permanente é o medo apavorante de algo que se desconhece – e principalmente, que não se controla. E sob esta capa do fantástico, Lygia compôs um conto denunciador da situação não menos terrificante em que vivia o país, abordando uma temática sobre as complexas relações entre o bem e o mal-estar coletivo e pessoal. O atributo sobrenatural – a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural, aparece neste conto, fazendo o leitor hesitar ao realizar a interpretação.

Esta narrativa de Lygia é outro exemplo da literatura como duplo, ou seja, o próprio conto como um todo é uma duplicidade de uma situação real. Uma situação política de um país, as forças militares que nele operavam, praticamente toda sua doença social personificadas nas personagens que se desdobram, os ratos como imagem de um povo faminto de liberdade e justiça que refletem (se duplicam) no conto literário. O epílogo do conto prova a existência do povo, sob forma de ratos rebeldes, que mostra sua revolta e vingança, ao contrário da crença do secretário, de que ele não existiria. Neste conto, na luta entre os homens do poder e os ratos (os duplos – representantes do fantasmático), os vencedores são aparentemente estes últimos, que conseguem aniquilar com o VII Seminário. Porém, o final ambíguo (com a iluminação da mansão) e a sobrevivência do Chefe das Relações Públicas podem encaminhar a outras possibilidades de interpretação. Porém, a dúvida se instala: se os ratos haviam roído a instalação elétrica, de onde provinha a iluminação? Mais um enigma proposto pelo fantástico.

Este conto, por se tratar de uma temática social, distingue-se dos demais e traz um diferencial. Uma praga sobrenatural de ratos: eis a fantasia de Lygia Fagundes Telles para dizer de sua indignação com a situação do país e com a censura instalada. Os ratos aqui aparecem como elementos que subvertem a ordem estabelecida. A ironia, o humor negro e o sentido crítico perpassam as linhas dessa história satírica, sem abandonar o sentido de uma invasão sobrenatural dos animais. A inversão de papéis realizada entre os animais e os homens apresenta-se como a principal característica do fantástico e do duplo nesse tenso universo representado no conto.